

## A POÉTICA CLÁSSICA

Aristóteles, Horácio e Longino

*A despeito dos muitos séculos decorridos desde a época em que foram originariamente escritos, bem como da circunstância de representarem a teoria ou preceptística de uma prática literária muito diferente da nossa, os três textos reunidos neste volume ainda têm plena atualidade. Isso porque tanto a Poética, de Aristóteles, quanto a Arte Poética, de Horácio, e o Tratado do Sublime, de Longino, que lhe recolheram e ampliaram as lições, representam uma visão de conjunto extremamente lúcida da essência e da finalidade da literatura como arte. Do seu valor histórico e da sua permanente atualidade dá testemunho, quando mais não fosse, o fato de, em nosso século, primeiramente a Nova Crítica americana, depois o Estruturalismo francês, e, mais recentemente, a Hermenêutica ou Estética da Recepção alemã, terem a eles voltado em busca de novos pontos de partida para a sua teorização acerca da práxis literária. Daí o excepcional interesse, para professores e estudantes de Letras, assim como para outros leitores que tenham a atenção voltada para tal campo de estudos, deste volume onde se coligem, para maior comodidade de leitura, consulta e cotejo, os três textos fundamentais da Poética clássica. Foram eles traduzidos diretamente do grego e do latim, e anotados, pelo Prof. Jaime Bruna, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e a seu respeito escreveu o Prof. Roberto de Oliveira Brandão, do mesmo Departamento, o estudo introdutório também aqui recolhido.*

EDITORA CULTRIX

ISBN 978-85-316-0307-5



9 788531 603075

Aristóteles, Horácio, Longino

A POÉTICA CLÁSSICA

Aristóteles, Horácio,  
Longino

# A POÉTICA CLÁSSICA

Editora Cultrix



ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO

# A POÉTICA CLÁSSICA

Introdução

ROBERTO DE OLIVEIRA BRANDÃO

(Professor-assistente doutor de Literatura Brasileira  
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo)

Tradução direta do grego e do latim

JAIME BRUNA

(Professor-assistente doutor de Latim da Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo)

CIP—Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Câmara Brasileira do Livro, SP

Aristóteles, 384-322 A.C.  
A75p A poética clássica / Aristóteles, Horácio, Longino; introdução  
7. Ed. por Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do  
latim por Jaime Bruna. — 12. Ed. — São Paulo: Cultrix: 2005.

1. Poética I. Horácio, 65-8 A.C. II. Longino, 213?—273. III  
Brandão, Roberto de Oliveira, 1934—IV. Bruna, Jaime, 1910—  
V. Título.

81-0649

CDD-808.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte poética: Retórica: Literatura 808.1
2. Poética: Retórica: Literatura 808.1



EDITORA CULTRIX  
São Paulo

que dispensam a representação, enquanto a tragédia é para uma platéia somenos. E se é ordinária, evidentemente será inferior.

Em primeiro lugar, a censura não atinge a arte do poeta, senão à dos atores; despropósitos nos gestos são possíveis não só na récita dum rapsodo, qual é Sosítrato, como também num concurso de canto, como fazia Mnasíteo de Opunte. Depois, nem toda gesticulação é condenável, se tampouco o é a dança, mas sim a dos atores medíocres; essa censura se fazia a Calípides e agora a outros, a de imitarem mulheres de condição inferior.

Outrossim, mesmo sem gesticulação, a tragédia produz o efeito próprio, tal como a epopéia, pois basta a leitura para evidenciar a sua qualidade. Se, pois, ela é superior nos demais requisitos, não é indispensável que conte mais esse. E ela o é, por ter todos os méritos da epopéia (pois pode valer-se também do hexâmetro), e mais a música e o espetáculo, partes de não mesquinha importância, por meio das quais o prazer se efetua com muita viveza. Ademais, tem viveza quer quando lida, quer quando encenada.

Tem, ainda, o mérito de atingir o fim da imitação numa extensão menor, pois maior condensação agrada mais do que longa diluição; quero dizer, por exemplo, se o *Édipo* de Sófocles fosse passado para tantos versos quantos conta a *Iliada*. Também é menos uma imitação das epopéias (uma prova: de qualquer delas se extraem várias tragédias), de sorte que, se os autores a compõem sobre uma só fábula, esta se afigura, numa narrativa curta, mirrada; estirada para atingir extensão, aguada. Digo, por exemplo, se for composta de várias ações, como a *Iliada*, que tem muitas partes assim, tal qual a *Odisséia*, partes que, por sua vez, têm extensão; não obstante, esses poemas estão compostos com a maior perfeição e são, tanto quanto possível, imitações duma ação única.

Se, pois, ela sobreleva por todos esses méritos e ainda pela eficiência técnica — pois lhe incumbe produzir, não um prazer qualquer, mas o atrás mencionado — está claro que, atingindo melhor o seu fim, é superior à epopéia.

A respeito, pois, da tragédia e da epopéia em si mesmas, de suas espécies e elementos, de quantos são estes e em que diferem, das causas de seu bom ou mau êxito, das críticas e suas soluções, basta o que dissemos.

HORÁCIO

ARTE POÉTICA

*Epistula ad Pisones*

**Bibliografia:**

*Epistula ad Pisones*, de Horácio, nas seguintes edições:

1. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, Q. Horati Flacci opera; recognovit Eduardus C. Wickman, editio altera, Oxford, Clarendon, 1967.
2. Soc. d'Édition "Les Belles Lettres", Horace, Épitres, texte établi et traduit par François Villeneuve, 4ème édition, Paris, 1961.

Suponhamos que um pintor entendesse de ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo, ajuntar membros de toda procedência e cobri-los de penas variegadas, de sorte que a figura, de mulher formosa em cima, acabasse num hediondo peixe preto; entrados para ver o quadro, meus amigos, vocês conteriam o riso? Creiam-me, Pisões,<sup>1</sup> bem parecido com um quadro assim seria um livro onde se fantasiassem formas sem consistência, quais sonhos de enfermo, de maneira que o pé e a cabeça não se combinassem num ser uno.

— A pintores e poetas sempre assistiu a justa liberdade de ou-<sup>[10]</sup> sar seja o que for.

— Bem o sei; essa licença nós a pedimos e damos mutuamente; não, porém, a de reunir animais mansos com feras, emparelhar cobras com passarinhos, cordeiros com tigres.

Não raro, a uma introdução solene, preenhe de promessas grandiosas, cosem um ou dois retalhos de púrpura, que brilhem de longe, quando se descreve um bosque sagrado e um altar de Diana, os meandros duma fonte a correr apressada por amena campina, o Reno ou o arco-íris; mas esses quadros não tinham lugar ali. Você talvez pinte muito bem um cipreste, mas que importa isso, se está nadando, sem esperanças, entre os destroços dum naufrágio, o freguês que<sup>[20]</sup> pagou para ser pintado? <sup>2</sup> Começou-se a fabricar uma ânfora; por que, ao girar o torno do oleiro, vai saindo um pote? Em suma, o que quer que se faça seja, pelo menos, simples, uno.

A maioria dos poetas, ó pai e moços dignos do pai, deixamo-nos enganar por uma aparência de perfeição. Esfalso-me por ser conciso e acabo obscuro; este busca a leveza e faltam-lhe nervos e fôlego; aquele promete o sublime e sai empolado; um excede-se em cautelas com medo à tempestade e roja pelo chão; outro recorre ao maravi-

---

1. Este pequeno tratado é uma carta dirigida pelo poeta a seus amigos os Pisões, pai e filhos.

2. Salvo dum naufrágio, o freguês encomendou ao pintor um quadro alusivo à graça alcançada, que depositará num templo.

lhoso para dar variedade a matéria una e acaba pintando golfinhos no mato e javalis nas ondas. [30]

A fuga a um defeito, faltando arte, conduz a um vício. O mais apagado artífice das imediações da escola de Emílio<sup>3</sup> pode, em bronze, modelar unhas, pode até reproduzir a maciez dos cabelos e, não obstante, malograr-se no conjunto da obra por não saber compor o todo. Eu cá, se me pusesse a criar uma obra de arte, a ser como ele, preferiria viver com nariz torto, olhos negros, cabelos negros de chamar atenção.

Vocês, que escrevem, tomem um tema adequado a suas forças; ponderem longamente o que seus ombros se recusem a carregar, o que agüentem. A quem domina o assunto escolhido não faltará elo- [40] quência,<sup>4</sup> nem lúcida ordenação. A força e graça da ordenação, se não me engano, está em dizer logo o autor do poema enunciado o que se deve dizer logo, diferir muita coisa, silenciada por ora, dar preferência a isto, menospreço àquilo.

Outrossim, se, empregando-se delicada cautela no encadeamento das palavras, um termo surrado, graças a uma ligação inteligente, lograr aspecto novo, o estilo ganhará em requinte. Se acaso idéias nunca enunciadas impuseram a criação de expressões novas, será o caso [50] de forjar termos que não ouviram os Cetegos<sup>5</sup> de túnica cintada. Tomada com discrição, tal liberdade será consentida e palavras novas em folha terão curso quando pingarem da bica grega, numa derivação parcimoniosa. Ora, que regalia consentirá o romano a Cecílio e Plauto, mas negará a Vergílio e Vário?<sup>6</sup> Se eu sou capaz dumas minguadas aquisições, por que mesquinhar-me esse direito, uma vez que a linguagem de Catão<sup>7</sup> e Ênio<sup>8</sup> enriqueceu o idioma nacional lançando neologismos? Era e sempre será lícito dar curso a um vocábulo de

3. Escola de gladiadores.

4. É o velho preceito de Catão: *rem tene, verba sequentur*: domina o assunto, que as palavras virão.

5. Família tradicional, tardou a adotar túnicas de modelo novo.

6. Plauto e Cecílio, autores já antigos de comédias; Vergílio e Vário, épicos contemporâneos e amigos de Horácio.

7. Catão, o Censor, um dos primeiros prosadores latinos, orador e historiógrafo, deixou também obras técnicas, notadamente um tratado de agricultura.

8. Ênio, o maior dos primitivos poetas latinos, compôs os *Anais*, poema épico, e mais sátiras, tragédias e comédias. Grandemente apreciado por Cícero.

cunhagem recente. Como, à veloz passagem dos anos, os bosques mudam de folhas, que as antigas vão caindo, assim perece a geração [60] velha de palavras e, tal como a juventude, florescem, viçosas, as nascidas. Somos um haver da morte, nós e o que é nosso. Pode Netuno, gasalhado em terra, abrigar dos aquilões nossas esquadras — uma obra de rei; pode um paul, por longo tempo improdutivo e praticável aos remos, alimentar as cidades ribeirinhas e sentir o peso do arado; pode um rio aprender um caminho melhor e abandonar um curso fatal às searas; as obras humanas passarão. Muito menos se há de manter de pé, vivedoura, a voga prestigiosa das expressões. Revive- [70] rão muitos termos que haviam caído e outros, hoje em voga, cairão, se assim reclamar a utilidade, de cujo arbítrio exclusivo pende o justo e o normal numa língua.

Homero mostrou qual o ritmo apropriado à narração dos feitos dos reis e capitães nas guerras funestas. Em dísticos de versos desiguais encerrou-se de início a endecha; mais tarde, também a satisfação dum voto atendido. Mas quem seria o inventor da curta estrofe elegíaca? Discutem-no os filólogos e o processo ainda se encontra nas mãos do juiz. A cólera armou a Arquíloco<sup>9</sup> de jambos todo seus; esse pé adequado ao diálogo, que sobrepuja a zoadá do público e nasceu para a ação, perfilharam-no os socos e os imponentes coturnos.<sup>10</sup> A Musa conferiu à lira o privilégio de celebrar os deuses, os [80] filhos dos deuses, o púgil vencedor, o cavalo ganhador da corrida, as inquietações da mocidade e as liberdades do vinho.

Se não posso nem sei respeitar o domínio e o tom de cada gênero literário, por que saudar em mim um poeta? por que a falsa modéstia de preferir a ignorância ao estudo?

A um tema cômico repugna ser desenvolvido em versos trágicos; doutro lado, o *Jantar de Tiestes*<sup>11</sup> indigna-se de ser contado em composições caseiras, dignas, por assim dizer, do soco. Guarde cada [90] gênero o lugar que lhe coube e lhe assenta.

9. Arquíloco de Paros, admirado e imitado por Horácio, foi o provável criador da elegia; usou o metro jâmbico em suas invectivas.

10. Socos, calçado próprio da comédia; coturnos, da tragédia.

11. Tema de tragédias gregas e latinas, de que se lembrou Camões:

“Bem puderas, ó Sol, da vista destes  
Teus raios apartar aquele dia,  
Como da seva mesa de Tiestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia.”

*Lusiadas*, III, 133.

Às vezes, contudo, a comédia ergue a voz e um Cremes<sup>12</sup> zangado ralha de bochechas inchadas; muitas vezes, também, na tragédia, um Télefo ou Peleu<sup>13</sup> se lamenta em linguagem pedestre, quando este ou aquele, na pobreza e no exílio, rejeita os termos empolados e sesquipedais,<sup>14</sup> se lhe importa tocar, com suas queixas, o coração da platéia.

Não basta serem belos os poemas; têm de ser emocionantes, de conduzir os sentimentos do ouvinte aonde quiserem. O rosto da<sup>[100]</sup> gente, como ri com quem ri, assim se condói de quem chora; se me queres ver chorar, tens de sentir a dor primeiro tu; só então, meu Télefo, ou Peleu, me afligirão os teus infortúnios; se declamares mal o teu papel, ou dormirei, ou desandarei a rir. Se um semblante é triste, quadram-lhe as palavras sombrias; se irado, as carregadas de ameaças; se chocarreiro, as joviais; se severo, as graves. A natureza molda-nos primeiramente por dentro para todas as vicissitudes; ela nos alegra ou impele à cólera, ou prostra em terra, agoniados, ao peso da aflição; depois é que interpreta pela linguagem as emoções da alma.<sup>[110]</sup> Se a fala da personagem destoar de sua boa ou má fortuna, romperão em gargalhadas os romanos, cavaleiros e peões.

Muito importará se fala um deus ou um herói, um velho amadurecido ou um moço ardente na flor da juventude, uma autoritária matrona ou uma governanta solícita, um mascate viajado ou o cultivador duma fazendola verdejante, um cidadão da Cólquida ou um da Assíria, alguém criado em Tebas ou em Argos.

Deve-se ou seguir a tradição, ou criar caracteres coerentes consigo. Se o escritor reedita o celebrado Aquiles<sup>15</sup> que este seja estrê-<sup>[120]</sup>nuo, irascível, inexorável, impetuoso, declare que as leis não foram feitas para ele e tudo entregue à decisão das armas. Medéia<sup>16</sup> será feroz e indomável; Ino,<sup>17</sup> chorosa; Ixíon,<sup>18</sup> pérfido; Io,<sup>19</sup> erradia;

12. Cremes, personagem de comédias, especialmente de *Heautontimorumenus* e *Phormio*, de Terêncio.

13. Télefo e Peleu, personagens de tragédias gregas.

14. Sesquipedal é o que mede um pé e meio; palavras sesquipedais são as demasiado longas.

15. Herói da *Iliada*, o maior guerreiro aquele.

16. Medéia, traída por Jasão, vingava-se matando-lhe a noiva e o sogro, e seus próprios filhos.

17. Ino, perseguida por Hera, ciumenta esposa de Zeus, precipitou-se no mar e tornou-se deusa marinha com o nome de Leucotéia.

18. Ixíon tentou raptar Hera; em castigo, foi preso, no Hades, a uma roda, que girava sem parar.

19. Io, raptada por Zeus e mudada em novilha.

Orestes,<sup>20</sup> sorumbático. Quando se experimenta assunto nunca tentado em cena, quando se ousa criar personagem nova, conserve-se ela até o fim tal como surgiu de começo, fiel a si mesma.

É difícil dar tratamento original a argumentos cedidos, mas, a ser o primeiro a encenar temas desconhecidos, ainda não explorados, é preferível transpor para a cena uma passagem da *Iliada*. Matéria<sup>[130]</sup> pública se tornará de direito privado, se você não se demorar aí pela arena vulgar, aberta a toda gente, nem, tradutor escrupuloso, se empenhar numa reprodução literal, ou, imitador, não se meter numas aperturas de onde a timidez ou as exigências da obra o impeçam de arrear pé.

Tampouco se deve começar como certo autor cíclico<sup>21</sup> outrora: "Cantarei a sorte de Príamo e a guerra ilustre..." Que matéria nos dará esse prometedor, digna de tamanha boca aberta? Vai parir a montanha, nascerá um ridículo camundongo. Bem mais acertado andou este outro,<sup>22</sup> que nada planeja de modo inepto: "Fala-me, Musa,<sup>[140]</sup> do herói que, após a tomada de Tróia, viu os costumes e cidades de muitos homens"! Ele não se propõe tirar fumaça dum clarão, mas luz da fumaça, a fim de nos exhibir, em seguida, maravilhas deslumbrantes, um Antifates e uma Cila, uma Caribde além dum Ciclope. Não inicia pela morte de Meléagro o regresso de Diomedes,<sup>23</sup> nem pelo par de ovos<sup>24</sup> a guerra de Tróia; avança sempre rápido para o desfecho e arrebatada o ouvinte para o centro dos acontecimentos, como se fossem estes já conhecidos; abandona os passos que não espera possam brilhar graças ao tratamento e de tal forma nos ilude, de<sup>[150]</sup> tal modo mistura verdade e mentira, que do começo não destoa o meio, nem, do meio, o fim.

Ouçã você o que desejo eu e comigo o povo, se quer que a platéia aplauda e espere, sentada, a descida do pano, até o ator pedir "aplaudi". Cumpre observar os hábitos de cada idade, dar a carac-

20. Perseguido pelas Eríneas, divindades infernais, pelo assassinio de Clitemnestra, sua mãe.

21. Muitos poemas se escreveram sobre Tróia, Tebas e outros assuntos da antigüidade mítica. Desconhece-se o autor aqui censurado.

22. Homero, na *Odisséia*.

23. Entre os poemas cíclicos, alguns narravam a volta de heróis da guerra de Tróia; por exemplo, a *Odisséia*, sobre o regresso de Odisseu (Ulisses).

24. Segundo uma das versões da lenda, Zeus, apaixonado por Leda, esposa de Tíndaro, visitou-a disfarçado em cisne. De um ovo teriam nascido Pólux e Helena, filhos de Zeus; de outro, Cástor e Clitemnestra, filhos do marido.

teres e anos mudáveis o aspecto que lhes convém. Uma criança já capaz de falar, que imprime no chão a marca de passos seguros, anseia brincar com seus iguais, sem motivo se encoleriza e se acalma, muda duma hora para outra. Afastado, finalmente, o seu afo, um <sup>[160]</sup> moço ainda imberbe se deleita com os cavalos, com os cães, com o gramado a céu aberto do Campo de Marte; <sup>25</sup> molda-se como cera ao vício, áspero às advertências, moroso em prover às necessidades, pródigo de dinheiro, empertigado, apaixonado, pronto a largar as coisas que amou. Com a idade e o espírito varonil, mudam-se os gostos; o homem passa a buscar o prestígio, as amizades; cativa-se das honrarias, acautela-se de empresas que talvez em breve se empenhe em mudar. Ao velho cercam muitos incômodos, ou porque procura e, coitado, depois de achar se abstém, temeroso de usar, ou porque em <sup>[170]</sup> tudo que executa põe timidez e frieza, sempre adiando, pondo longe as esperanças, inativo, inquieto quanto ao futuro, impertinente, queixoso, gabando sempre o tempo passado em sua meninice, repreendendo e reprovando os mais novos. Os anos, à medida que vêm, trazem consigo vantagens sem número; à medida que se vão, levam consigo um sem-número delas. Não se atribua a um jovem o quinhão da velhice, nem a um menino o dum adulto; a personagem manterá sempre o feitio próprio e conveniente a cada quadra da vida.

As ações ou se representam em cena ou se narram. Quando <sup>[180]</sup> recebidas pelos ouvidos, causam emoção mais fraca do que quando, apresentadas à fidelidade dos olhos, o espectador mesmo as testemunha; contudo, não se mostrem em cena ações que convém se passem dentro e furtem-se muitas aos olhos, para as relatar logo mais uma testemunha eloqüente. Não vá Medéia trucidar os filhos à vista do público; nem o abominável Atreu cozer vísceras humanas, nem se transmutará Procne <sup>26</sup> em ave ou Cadmo <sup>27</sup> em serpente diante de todos. Descreio e abomino tudo que for mostrado assim.

Para ser reclamada e voltar à cena, não deve uma peça ficar aquém nem ir além do quinto ato; nem intervenha um deus, salvo <sup>[190]</sup> se ocorrer um enredo que valha tal vingador; nem se empenhe em falar uma quarta personagem. Que o coro desempenhe uma parte na ação e um papel pessoal; não fique cantando entre os atos matéria que

25. Lugar onde os jovens romanos se exercitavam para a guerra. Ali também se realizavam os comícios.

26. Procne vingou-se da infidelidade de Tereu matando Itis, filho do casal. Foi metamorfoseada em rouxinol.

27. Cadmo, fundador de Tebas, e Harmonia, sua esposa, foram convertidos em serpentes.

não condiga com o assunto, nem se ligue a ele estreitamente. Cabe-lhe apoiar os bons, dar conselhos amigos, moderar as iras, amar aos que se arreceiam de errar; louve os pratos da mesa frugal, bem como a justiça salutar, as leis, a paz de portas abertas; guarde os segredos confiados a ele, ore aos deuses, peça que a Fortuna volte aos infelizes e abandone os soberbos. <sup>[200]</sup>

A flauta, não revestida de latão, como agora, a rivalizar com a trombeta, mas sim, suave, duma só peça, com poucos furos, servia para dar tom aos coros e acompanhá-los, enchendo de som a platéia, ainda não apinhada demais, aonde afluía um público fácil de contar, pouco que era, sóbrio, pio, pudoroso. Desde que, vencedor, o povo passou a dilatar os campos, um muro mais longo a envolver a cidade e o Gênio a ser aplacado, nas festividades, com vinho em pleno dia impunemente, uma licença mais larga penetrou nos ritmos e melo- <sup>[210]</sup> dias. Que gosto, com efeito, podia ter, forrado aos trabalhos, confundido com os cidadãos, um campônio sem instrução, um pé-rapado entre gente distinta? Foi assim que o flauteiro, à arte primitiva, juntou movimentação e luxo e arrastou as vestes vagando pelos tablados. Assim também se aumentaram as notas da severa lira, uma eloqüência arrebatada assumiu um estilo desusado e o pensamento capaz de úteis conselhos e de previsão do futuro não se diferencia do oráculo de Delfos.

Quem concorreu com uma tragédia ao prêmio barato dum <sup>[220]</sup> bode, <sup>28</sup> pouco depois também pôs em cena, despidos, os agrestes sátiros e rudemente, sem abandono da gravidade, tentou o cômico, porque tinha de ser retido por atrações e novidades agradáveis um espectador que acabava de sacrificar, avinhado e desmoderado. Mas a apresentação dos sátiros galhofeiros e mordazes e a mudança em cômico dum espetáculo sério convém que não redundem, por uma linguagem achavascada, na transferência de qualquer deus ou herói, há pouco visto vestido de ouro e púrpura, para escuras tavernas; nem o façam, para evitar o chão, agarrar-se às nuvens e ao vazio. <sup>[230]</sup>

Não fica bem à tragédia a paroleira em versos chochos; como uma matrona forçada a dançar em dias festivos, ela corará um pouco de se achar no meio de sátiros atrevidos. Eu, Pisões, se escrever dramas satíricos, não me satisfarei com nomes e verbos precisos e sem ornamentos, nem porei empenho em me conservar longe do colorido

28. Esse, conforme a tradição, o prêmio conferido aos primitivos autores de tragédias; este nome se derivaria de *tragos*, apelativo do bode em grego.

trágico ao ponto de não se diferenciar da linguagem de Davo<sup>29</sup> e da atrevida Pítíade,<sup>30</sup> que enriqueceu com um talento esmoncado do nariz de Simão, a dum Sileno, aio e criado dum deus<sup>31</sup> seu pupilo. Comporei um poema sobre matéria conhecida, de modo que um<sup>[240]</sup> qualquer espere fazer o mesmo, porém, atrevendo-se a igual empresa, sue muito e se esforce em vão; tal é a força da ordem e do arranjo! tal beleza ganham termos tomados ao trivial! Trazidos das matas, devem os faunos, no meu entender, acautelar-se de, como os naturais dos becos ou os freqüentadores da praça, compor jamais juvenilmente versos delicados demais, ou estalar em palavreado sujo e degradante; isso confrange quem tem cavalo, pai e haveres<sup>32</sup> e, mesmo que aprove alguma coisa o comprador de grão-de-bico frito e de nozes,<sup>33</sup> nem por isso o aceita de bom grado e lhe outorga a coroa.<sup>[250]</sup>

Uma sílaba longa ajuntada a uma breve é o que se chama jambo; é um pé ágil; por isso ele determinou que se desse aos versos jâmbicos o nome de trímetros,<sup>34</sup> embora conte seis batidas, sempre igual a si mesmo do começo ao fim; não faz tanto tempo,<sup>35</sup> a fim de chegar aos ouvidos um pouco mais lento e grave, teve a benevolência e tolerância de admitir a participar de seus direitos hereditários os equilibrados espondeus, sem todavia, deixar-lhes, em boa camaradagem, o segundo ou o quarto lugar. Além de aparecer raramente nos nobres trímetros de Ácio,<sup>36</sup> aos versos de Ênio, lançados à cena com<sup>[260]</sup> grande peso, ele faz carga pelo feio crime ou de excessiva pressa no trabalho e falta de cuidado, ou de ignorância da arte.

— Não é qualquer juiz que vê nos poemas a falta de cadência e aos poetas romanos se deu não merecida indulgência.

— É isso razão para eu desgarrar e escrever sem regra? ou devo cuidar que toda gente verá as minhas faltas e manter-me, precavido

29. Nome usual de escravos de comédia.

30. Personagem duma comédia de Cecílio, extorquia dinheiro de seu amo, com que dotar a filha.

31. Baco.

32. Cidadão pertencente à ordem eqüestre.

33. Indivíduo do povo.

34. Trímetro, formado de três dipodias, cada uma de dois jambos. Com exceção do 2.º e do 4.º, estes podiam ser substituídos por espondeus (duas sílabas longas).

35. É uma das traduções possíveis de *non ita pridem*; de quantas se propuseram nenhuma é inteiramente satisfatória.

36. Um dos primeiros poetas latinos, autor de tragédias de que restam apenas fragmentos.

e seguro, nos limites duma esperada tolerância? Será evitar a censura, sem merecer o louvor. Vocês versem os modelos gregos com mão noturna e diurna.

— Mas, dirão, vossos avós louvaram o ritmo e o chiste de<sup>[270]</sup> Plauto.

— Uma e outra coisa admiraram eles com demasiada tolerância, para não dizer incompetência, ou então eu e você não sabemos distinguir a expressão grosseira da espirituosa e escandir com os dedos, ou de ouvido, a cadência justa.

Segundo consta, Téspis<sup>37</sup> foi o inventor do até então ignorado gênero da Camena<sup>38</sup> trágica e transportava em carretas poemas que atores cantavam e representavam de cara besuntada de borra. Após ele, Êsquilo, inventor da máscara e mantos nobres, estendeu tablados sobre pequenos caibros e ensinou como emitir voz forte e firmar-se nos coturnos. A esses seguiu a comédia antiga, não sem muito<sup>[280]</sup> aplauso; mas a liberdade descambou num excesso e violência, que pedia repressão legal; aprovou-se uma lei e, tolhido o direito de fazer mal, o coro calou-se ignobilmente.

Nada deixaram de tentar os nossos poetas; nem foi o menor mérito a coragem de abandonar as pegadas gregas e celebrar os fastos nacionais, tanto dos que encenaram tragédias *pretextas*<sup>39</sup> como dos autores de *togatas*.<sup>40</sup> Não seria mais poderoso o Lácio pela bravura e gloriosos feitos de guerra do que pela língua, se não entediasse<sup>[290]</sup> cada um dos poetas o demorado trabalho da lima. Vocês, descendentes de Pompílio,<sup>41</sup> retenham<sup>42</sup> o poema que não tenha sido apurado em longos dias por muita rasura, polido dez vezes até que uma unha bem aparada não sinta asperezas.

Demócrito considera mais afortunado o gênio do que a mesquinha da arte e exclui do Helicão<sup>43</sup> os poetas de juízo perfeito; por isso, boa parte deles descuida de aparar as unhas e a barba, busca

37. Teria vivido no século IV a.C.

38. Divindade latina, identificada com a Musa grega.

39. Tragédia de assunto histórico romano.

40. Comédia com personagens latinas.

41. Numa Pompílio, lendário segundo rei de Roma.

42. *Reprehendite* pode significar "censurai", como entendeu F. Villeneuve na edição *Belles Lettres*. O sentido original de *reprehendere*, contudo, é *segurar por trás, reter*. Pensamos ser este o desejado pelo A. que, mais adiante (v. 389), recomenda a retenção dos originais por oito anos antes da publicação.

43. Monte da Beócia, onde residiam as Musas.

lugares retirados, evita os banhos; ganharão, com efeito, o prestigioso nome de poetas, se jamais confiarem ao barbeiro Licino uma ca-<sup>[300]</sup> beça que as três Antícaras<sup>44</sup> não conseguiriam curar.

Mas que desastrado sou eu, que purgo a bile ao chegar a primavera! Outro não faria melhores poemas! Bem, isso não é tão importante. Farei o trabalho da pedra de amolar, que não tem fio para cortar, mas é capaz de dar gume ao ferro; sem nada escrever eu próprio, ensinarei as regras do mister, as fontes de recursos, o que nutre e forma o poeta, o que fica bem, o que não, aonde leva o acerto, aonde o erro.

Princípio e fonte da arte de escrever é o bom senso. Os escritos socráticos poderão indicar as idéias; obtida a matéria, as palavras<sup>[310]</sup> seguirão espontaneamente.<sup>45</sup> Quem aprendeu os seus deveres para com a pátria e para com os amigos, com que amor devemos amar o pai, o irmão, o hóspede, qual a obrigação dum senador, qual a dum juiz, qual o papel do general mandado à guerra, esse sabe com segurança dar a cada personagem a conveniente caracterização. Eu o aconselharei a, como imitador ensinado, observar o modelo da vida e dos caracteres e daí colher uma linguagem viva. Uma peça abrilhantada pelas verdades gerais e pela correta descrição dos caracteres, porém de nenhuma beleza, sem peso nem arte, por vezes deleita mais fortemente o público e o retém melhor do que versos pobres de assunto<sup>[320]</sup> e bagatelas maviosas.

Aos gregos deu a Musa o gênio; aos gregos concedeu ela fluência harmoniosa no falar, por serem ávidos apenas de glória; os meninos romanos aprendem por meio de cálculos demorados a dividir o asse<sup>46</sup> em cem partes. "Fale o filho de Albano: se dum quincunce se tira uma onça, quanto fica? Vamos, já devia ter respondido! — Um terço de asse. — Muito bem! já pode defender o seu capital. Repõe-se a onça; quando fica? — Meio asse." E é quando essa azinhavrada preocupação de poupança tiver impregnado os espíritos que esperamos<sup>[330]</sup> se possam criar poemas que valha a pena untar com óleo de cedro<sup>47</sup> e guardar em cipreste polido?<sup>48</sup>

44. Três cidades tinham esse nome e forneciam heléboro, usado no tratamento da loucura.

45. V. nota 4.

46. Moeda romana de pouco valor, dividida em 12 onças. Um quincunce valia 5 onças.

47. Com ele se untava o papiro, como proteção contra as traças.

48. Alusão à *capsa*, estojo cilíndrico de madeira, onde se guardavam os rolos de papiros ou pergaminhos (*volumina*).

Os poetas desejam ou ser úteis, ou deleitar, ou dizer coisas ao mesmo tempo agradáveis e proveitosas para a vida. O que quer que se preceitue, seja breve, para que, numa expressão concisa, o recolham docilmente os espíritos e fielmente o guardem; dum peito já cheio extravasa tudo que é supérfluo. Não se distancie da realidade as ficções que visam ao prazer; não pretenda a fábula que se creia tudo quanto ela invente, nem extraia vivo do estômago da Lâmia<sup>49</sup> um menino que ela tinha almoçado. As centúrias<sup>50</sup> dos quarentões<sup>[340]</sup> recusam as peças sem utilidade; os Ramnes<sup>51</sup> passam adiante, desdenhando as sensaborias. Arrebata todos os sufrágios quem mistura o útil e o agradável, deleitando e ao mesmo tempo instruindo o leitor; esse livro, sim, rende lucros aos Sósias;<sup>52</sup> esse transpõe os mares e dilata a longa permanência do escritor de nomeada.

Há, todavia, faltas que estamos prontos a perdoar, pois a corda nem sempre dá o som pretendido pela mão e pela intenção; muitas vezes, pede-se-lhe uma nota grave e ela desfere uma aguda; também nem sempre o arco ferirá o alvo ameaçado. Mas quando, num poe-<sup>[350]</sup> ma, a maior parte brilha, não sou eu quem vá agastar-se por umas poucas nódoas, que ou o descuido deixou passar, ou a natureza humana não preveniu bastante. Um copista não tem desculpa se, apesar de advertido, comete sempre a mesma falta, e o citaredo que erra sempre na mesma corda provoca o riso; assim também, a meu ver, quem relaxa muito se torna o famoso Quériolo;<sup>53</sup> este, por duas ou três vezes, sorrindo, chego a considerar bom e admirar, ao passo que me revoltado quando o excelente Homero acaso cochila; todavia, é perdoável que o sono se insinue numa obra extensa.<sup>[360]</sup>

Poesia é como pintura; uma te cativa mais, se te deténs mais perto; outra, se te pões mais longe; esta prefere a penumbra; aquela quererá ser contemplada em plena luz, porque não teme o olhar penetrante do crítico; essa agradou uma vez; essa outra, dez vezes repetida, agradecerá sempre.

Você, o mais velho dos dois moços, embora, além de estar sendo moldado para o bem pela palavra de seu pai, também tenha senso

49. Um papão.

50. Alusão à primitiva divisão do povo de Roma em 193 classes; representa aqui os homens de mais de 45 anos.

51. A tribo que reunia os cidadãos latinos na primitiva população de Roma; representa aqui os cavaleiros jovens.

52. Livreiros.

53. Medíocre poeta épico grego, contemporâneo de Alexandre, o Grande.

por si mesmo, recolha na memória isto que lhe digo: é de justiça, em determinadas matérias, consentir com o mediano e o tolerável; o jurisconsulto e o causídico medíocres estão longe do talento do eloquente Messala<sup>54</sup> e não sabem tanto quanto Aulo Cassélio;<sup>55</sup> têm, não <sup>[370]</sup> obstante, o seu valor. Aos poetas, nem os homens, nem os deuses, nem as colunas das livrarias perdoam a mediocridade. Assim como, num jantar de bom gosto, repugnam uma sinfonia desafinada, um perfume forte e semente de papoula com mel da Sardenha, porque os pratos podiam ser servidos sem tais acompanhamentos, assim um poema, nascido e inventado para encanto dos espíritos, por pouco que desça do ponto mais alto, cai no mais baixo. Quem não sabe manejá-las, abstém-se das armas do Campo de Marte; quem não aprendeu a lidar com a bola, o disco, ou o arco, permanece quieto, receoso de que a roda de espectadores apinhados rompa em gargalhadas <sup>[380]</sup> impunes; no entanto, aventura-se a compor versos um que não sabe! Por que não? É livre, assim nasceu; ademais, no recenseamento, a soma de seu dinheiro assegurou-lhe a ordem equestre e está a salvo <sup>[390]</sup> voltar atrás.

Você não dirá nem fará nada contrariando a Minerva; tal é o seu sentir, o seu feitio. Se, porém, alguma vez vier a escrever algo, sujeite-o aos ouvidos do crítico Mécio, aos de seu pai e aos meus e retenha-o por oito anos, guardando os pergaminhos; o que você não tiver publicado poderá ser destruído; a palavra lançada não sabe voltar atrás. <sup>[390]</sup>

Orfeu, pessoa sagrada e intérprete dos deuses, incutiu nos homens da selva o horror à carnificina e aos repastos hediondos; daí dizerem que ele amansava tigres e leões bravios; também de Anfion, fundador da cidade de Tebas, dizem que movia as pedras com o som da lira e, com um pedido carinhoso, as levava aonde queria. Existiu um dia a sabedoria de discernir o bem público do particular, o sagrado do profano, pôr fim aos casamentos livres, dar direitos aos maridos, construir cidades, gravar leis em tábuas. Foi assim que adveio aos poetas e seus cantos o glorioso nome de divinos. <sup>[400]</sup>

Depois desses, assinalou-se Homero; Tirteu,<sup>56</sup> com seus versos, estimulou para as guerras de Marte as almas viris; os oráculos pro-

54. Prestigioso político, orador e guerreiro, protetor dum círculo de poetas.

55. Jurisconsulto contemporâneo de Cícero.

56. Conta-se que, no século VII a. C., os espartanos teriam pedido a Atenas um general que lhes ensinasse estratégia. Os atenienses, por irrisão, lhes teriam enviado o poeta Tirteu, um inválido. Este, compondo hinos guerreiros, teria inspirado bravura ao exército de Esparta.

nunciaram-se em versos e foi mostrado assim o caminho da vida; o favor dos reis foi solicitado em ritmos piéris,<sup>57</sup> inventaram-se os festejos cênicos e a folga após longos trabalhos. Não há por que corar da Musa perita na lira e de Apolo cantor.

Já se perguntou se o que faz digno de louvor um poema é a natureza ou a arte. Eu por mim não vejo o que adianta, sem uma veia rica, o esforço, nem, sem cultivo, o gênio; assim, um pede ajuda ao outro, numa conspiração amistosa. Muito suporta e faz desde <sup>[410]</sup> a infância, suando, sofrendo o frio, abstando-se do amor e do vinho, quem almeja alcançar na pista a desejada meta; o flautista que toca no concurso pífico estudou antes e temeu o mestre. Hoje em dia, o poeta se contenta em dizer: “Eu componho poemas admiráveis; apañhe a sarna quem chegar por último; <sup>58</sup> seria para mim vergonha ficar para trás e confessar que de veras não sei o que não aprendi.”

Como o pregoeiro que atrai a multidão a comprar sua mercadoria, assim chama os bajuladores ao ganho o poeta rico de terras, rico de dinheiro a juros. Se é de fato alguém capaz de proporção <sup>[420]</sup> nar da maneira certa uma mesa lauta, afiançar um pobre sem crédito, arrancando-o à trama dum processo tenebroso, muito me surpreenderia que, na sua felicidade, soubesse distinguir do falso amigo o verdadeiro. Se você deu ou pretende dar alguma coisa a alguém, não o leve, ainda cheio de alegria, a ouvir versos de sua lavra; ele, é claro, exclamará: “Belo! ótimo! perfeito!” A uns versos, perderá a cor, chegará a destilar orvalho de olhos amigos, baterá com o pé no chão. Como, num funeral, as carpideiras choram, falam e fazem <sup>[430]</sup> quase mais do que os familiares de coração enlutado, assim o louvaminheiro se comove mais do que o louvador sincero. Os reis, consta, quando empenhados em verificar se uma pessoa merece a sua amizade, a pressionam com taças e mais taças, com a tortura do vinho; se você compuser versos, nunca o enganarão os sentimentos ocultos sob a pele da raposa.

Quando se recitava alguma coisa a Quintílio,<sup>59</sup> ele dizia: “Por favor, corrige isto e também isto”; quando você, após duas ou três tentativas frustradas, se dizia incapaz de fazer melhor, ele mandava desfazer os versos mal torneados e repô-los na bigorna. Se, a modi- <sup>[440]</sup>

57. O monte Piero, na Tessália, era consagrado às Musas.

58. Alusão a uma brincadeira em que um grupo de meninos é desafiado para uma corrida, cabendo uma pena ao último a chegar.

59. Quintílio Varo, um cremonense, amigo de Vergílio e de Horácio, que lamentou a sua morte na ode 24 do livro I.

ficar a falha, você preferiria defendê-la, não dizia mais uma única palavra, nem se dava ao trabalho inútil de evitar que você amasse, sem rivais, a si mesmo e à sua obra.

Um homem honesto e entendido criticará os versos sem arte, condenará os duros, traçará, com o cálamo,<sup>60</sup> de través, um sinal negro junto aos desgrenhados, cortará os ornatos pretensiosos, obrigará a dar luz aos poucos claros, apontará as ambigüidades, marcará o que deva ser mudado, virará um Aristarco<sup>61</sup> e não dirá: “Por que hei eu de magoar um amigo por causa duma ninharia?” Tais ni-<sup>[450]</sup>nharias levarão o autor a sérios dissabores, uma vez achincalhado e recebido desfavoravelmente.

Como com o indivíduo atacado de ruim sarna, do mal dos reis,<sup>62</sup> do delírio fanático<sup>63</sup> ou da fúria de Diana,<sup>64</sup> quem tem juízo teme o contacto do poeta maluco, foge dele; a garotada o acossa e persegue incautamente. Se ele, enquanto empertigado, arrota seus versos andando a esmo e, como um passarinho de olhos nos melros, cair num poço ou num valo, por mais que grite “eh! gente! socorro!”, não haverá quem pense em tirá-lo. Se alguém cuidar de lhe acudir<sup>[460]</sup> e descer uma corda, eu direi: “Como sabes se ele não se atirou ali de propósito e se quer ser salvo?” e lhe contarei o fim do poeta siciliano: desejoso de passar por um deus imortal, Empédocles<sup>65</sup> saltou, de sangue frio, nas chamas do Etna.

Reconheça-se aos poetas o direito de morrer a seu gosto; salvar alguém contra sua vontade é o mesmo que matá-lo. Não é a primeira vez que ele faz isso; tirado fora, não se tornará logo um homem, não deixará o desejo duma morte famosa. Não é bastante clara a razão por que verseja: se foi por ter urinado nas cinzas do pai, ou por ter profanado com uma ação impura o sinistro lugar onde caiu um<sup>[470]</sup> raio. Não há dúvida que enlouqueceu e, como um urso que logrou quebrar as barras da jaula, esse declamador molesto afugenta o sábio e o ignorante; e quando agarra algum, não o larga, mata-o lendo, sanguessuga que só farta de sangue se despega da pele.

60. Como se faz hoje com o lápis vermelho.

61. Aristarco da Samotrácia, crítico literário, bibliotecário em Alexandria, empreendeu expurgar de interpolações os poemas de Homero.

62. Icterícia.

63. Mal que se apoderava dos sacerdotes de *Belona*, deusa da guerra.

64. Mal dos lunáticos. Diana é divindade lunar.

65. Filósofo naturalista, de Agrigento.

## LONGINO OU DIONÍSIO<sup>1</sup>

### DO SUBLIME

1. Ignora-se o nome do autor e a data da obra. Esta é provavelmente do século I d. C. e seu autor se chamou Longino, ou Dionísio, ou Dionísio Longino. Muitos preferem dizer Anônimo.